

## ***EVANGELHO DE MARCOS, GÊNESE, NARRATIVA-TEMPO-MEMÓRIA:***

### ***a arte de narrar Jesus, o Filho de Deus***

Gospel of Mark, Genesis, Narrative-time-memory:  
the art of narrating Jesus, the Son of God

*Junior Vasconcelos do Amaral*<sup>(\*)</sup>

#### **Resumo**

Este artigo objetiva perceber a gênese do evangelho de Marcos e a importância do tempo-memória para a elaboração da narrativa. Estes atributos narratológicos propostos por Marcos, tem como intuito narrar a vida de Jesus, em sua ação ministerial, sua viagem para Jerusalém, seguido de sua Paixão, morte e ressurreição. O que acontece com Jesus, no relato marcano, leva o leitor a compreender a essência da cristologia deste evangelho, a cristologia do Filho de Deus. Para o evangelho marcano Jesus é o Filho de Deus que obedece fiducialmente a vontade do Pai e realiza sua missão em resgate de muitos.

**Palavras-chave:** Evangelho de Marcos. Narrativa. Leitura. Cristologia. Filho de Deus.

#### **Abstract**

This article aims to perceive the genesis of the Gospel of Mark and the importance of memory time for the elaboration of the narrative. These narratological attributes proposed by Mark are intended to narrate the life of Jesus in his ministry, his journey to Jerusalem, followed by his Passion, death and resurrection. What happens to Jesus in the Marcan account leads the reader to understand the essence of the Christology of this gospel, the Christology of the Son of God. For the Marcan gospel Jesus is the Son of God who faithfully obeys the will of the Father and accomplishes his mission in ransom for many.

**Keywords:** Gospel of Mark. Narrative. Reading. Christology. Son of God.

#### **INTRODUÇÃO**

A história de Jesus é fonte de memória. Na vida de Jesus encontra-se a gênese do segundo evangelho. Marcos dirigiu-se à fonte dos fatos: à vida, paixão, morte e ressurreição de Jesus e, em seguida, compreendeu-os no horizonte da memória para constituir o relato. O relato de Marcos é uma obra mimética (rememoração). A vida, a morte e a ressurreição de Jesus são, *grosso modo*, o foco primordial de sua memória. O relato é o subproduto do que foi compreendido pelos cristãos acerca da vida de Jesus. Sem os fatos que constituíram sua existência não existiria memória, tampouco narrativa. Aqui, dirigimo-nos à vida de Jesus, não sob o ponto de vista da História, mas buscando

---

<sup>(\*)</sup>Doutor em Teologia Sistemática pela FAJE/BH (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia), membro do Grupo de estudos Bíblia em leitura cristã, vinculado ao CNPq, professor de Teologia na PUC-Minas. Presbítero a serviço da Arquidiocese de Belo Horizonte, MG. **Email:** [jvsamaral@yahoo.com.br](mailto:jvsamaral@yahoo.com.br)

compreendê-la sob o viés teológico-narrativo, isto é, a mensagem, o relato atribuído a Marcos.

Dito isso, vale ressaltar a relação existente entre o fato, a vida de Jesus e a memória de Marcos a seu respeito. É possível observar, no horizonte da autoridade da memória de Marcos, nas escolhas realizadas por ele e na concatenação de sua obra, que a memória acerca de Jesus é imprescindível para a construção da narrativa literária da Boa-Nova, com o epíteto grego *Evangelho*. Contudo, é possível destacar que a importância maior da memória de Marcos acerca de Jesus se refere, sobretudo, à sua refiguração<sup>1</sup>, a arte mimética de reconfiguração a partir do acesso do leitor e ouvinte da Palavra. Marcos atualiza Jesus para o leitor de todos os tempos. O leitor de hoje pode, em seu contato com o texto, estabelecer, conseqüentemente, um encontro com Jesus.

## 1 A ARTE DE LER

A leitura é o ato de encontro do leitor com o texto e, também, com seus signos narrados e apresentados. A memória de Marcos, a respeito de Jesus, é o viés pelo qual se fundamenta a noção de narrativa e de atualização ou de presentificação da pessoa de Jesus na vida do cristão, daquele que se encontra pessoalmente com ele a partir da leitura do evangelho.

Assim, a memória dos fatos e de pessoas significantes suscita no narrador o relato, viabilizando a leitura que, por sua vez, convida o leitor para também fazer memória. Memória e narrativa se constituem propriedades indispensáveis para o acesso ao passado, à vida das pessoas excepcionais. Sem memória não existiria narrativa e, sem a narrativa, não haveria possibilidade de reconfiguração – de reconfiguração do tempo passado com o aqui e agora da história.

Desta forma, pode-se olhar para o evangelho segundo Marcos, sobretudo o relato da Paixão (Mc 14,1-16,8), como um relato histórico, isto é, *tradição da experiência* (e, logicamente falando, *narração e intriga* histórica bem arquitetada). A consciência da narratividade da história se dá por conta do retorno ao vivido a partir da sensibilidade humana à historiografia. Marcos foi sensível às realidades que o

---

<sup>1</sup> Para Paul Ricoeur, a refiguração (ou reconfiguração em algumas traduções) equivale ao último processo da *mimese* III. A narrativa marcana pode ser lida em sentido de refiguração, isto é, em sentido de reaproximação do leitor com a vida de Jesus de Nazaré e todas as implicações que este encontro possibilita e ensina.

circundavam e “pode ser considerado o criador do gênero literário evangelho”<sup>2</sup>. Esta pode ser considerada a maior atitude do primeiro evangelista: escrever sua composição teológica a respeito do Messias Jesus de Nazaré. O que fica evidente ao leitor de Marcos é “seu estilo direto, aparentemente contado. Ele utiliza um vocabulário corrente, relativamente pobre”<sup>3</sup>, revelando-se, no fiar de suas páginas, um talentoso contador popular. “Ele sabe contar com arte; põe uma vida e um pitoresco surpreendente no relato”<sup>4</sup>.

De acordo com C. Focant, “a aproximação com a biografia helenística parece mais apropriada” para tratar do gênero literário do evangelho de Marcos. C. Focant compartilha desta tese com Aune, Bryan e Dormeyer. Para ele, o evangelho marcano “não se interessa pelos aspectos anedóticos nem pela psicologia dos personagens, mas, sobretudo, pelas ações e por uma mensagem a transmitir”<sup>5</sup>. Na perspectiva desse exegeta, o “projeto teológico” de Marcos consiste em fazer despertar no relato a identidade entre “o crucificado e o ressuscitado, a identidade entre Jesus de Nazaré e o Cristo vivente no sentido comunitário cristão primitivo”<sup>6</sup>.

B. Hale observa que o processo histórico de elaboração do evangelho de Marcos, assinalado pelo desejo de armazenar a memória de Jesus, conduz à narração. Ele afirma:

Passando a primeira geração de cristãos, houve a necessidade da narração escrita da história do Evangelho, da pregação das testemunhas mais antigas. Tiago, irmão de Jesus e o líder do cristianismo judaico, fora martirizado em 62 d. C. Com a morte de Paulo e a morte de Pedro que se aproximava, sentiu-se ser necessário um registro escrito do ministério do Senhor antes que todos os apóstolos morressem e a igreja fosse deixada sem conhecimento íntimo acerca da vida e do ministério de Jesus<sup>7</sup>.

Marcos, portanto, deu início ao processo de abstração da realidade de Jesus tal qual um pintor que traça sobre a tela os matizes múltiplos até formar um retrato (seja

---

<sup>2</sup>FOCANT, Camille. *L'Évangile selon Marc*. Paris: Cerf, 2004. p. 29.(Trad. nossa). Esta também é a opinião de Heinrich Julius Holtzmann e de Rudolf Pesch, em suas obras.

<sup>3</sup>HERVIEUX, Jacques. *L'Évangile de Marc: commentaire pastoral*. Paris: Bayard, 1991. p. 7. (Trad. nossa)

<sup>4</sup>HERVIEUX, *L'Évangile*, p. 7-8. (Trad. nossa)

<sup>5</sup>FOCANT, *L'Évangile*, p. 30. (Trad. nossa)

<sup>6</sup>FOCANT, *L'Évangile*, p. 30. (Trad. nossa)

<sup>7</sup> HALE, Broadus David. *Introdução ao estudo do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1983. p. 58.

sua obra inteligível à primeira vista ou impressionista de imediato ou ainda necessite de um exercício interpretativo maior). Marcos, como um artista, buscou harmonizar as histórias existentes sobre Jesus em uma arte chamada *narrativa*, mais parecida com um tecido entrelaçado de fios múltiplos – a *memoria Jesu* (memória de Jesus). As memórias diversas sobre Jesus foram selecionadas em graus de importância, conduzindo à configuração do relato chamado Evangelho. Este primeiro feito da tradição eclesial se deve a Marcos<sup>8</sup>.

Em suas pesquisas sobre o Marcos, R. Pesch ressaltou que o texto de Marcos, diferentemente do de Lucas, não fornecia um “método de apresentação histórica de seu tempo”, mas uma história passada “de forma teologicamente meditada e pura, ao mesmo tempo popular e narrativa”<sup>9</sup>. Já R. Bultmann afirmou que a obra marcana seria “uma criação cristã original inteiramente a serviço da fé e do culto cristão”<sup>10</sup>. Tais pesquisas sobre o evangelhomarcano evidenciam a simplicidade narrativa do evangelista, a fluidez com a qual ele se dedicou a narrar os fatos que envolveram a vida de Jesus<sup>11</sup>. Assim, coadunando ambas as perspectivas, chega-se ao meio-termo, sendo possível dizer que o trabalho realizado por Marcos pode ser compreendido como um processo de simplificação narrativa de uma vida complexa, a vida de um homem chamado Jesus de Nazaré, o Filho de Deus (Mc 1,1; 15,39), que viveu na Galileia do século I. Este processo de sintetizar a história de uma vida com reminiscências de testemunhas diversas só pode chegar ao seu fim por causa da faculdade humana conhecida como memória, entendida como o ato de não se esquecer de fatos ou pessoas relevantes que marcaram as histórias humanas.

<sup>8</sup> É unânime considerar que Marcos não constitui uma testemunha ocular de Jesus. O que Marcos fez foi expor o ensinamento e a pregação de Pedro acerca de Jesus de Nazaré. Segundo André Thayse, « Marc était un Hébreu dont la connaissance de la langue grecque était limitée, sa façon d’ écrire, souvent comparée à celle d’un journaliste, s’en ressent. [...] Marc a été un véritable penseur qui, loin d’ uniquement se contenter de recevoir des informations et de les retranscrire, a su, à partir de sources diverses, disparates, parfois contradictoires, souvent complémentaires, réaliser une synthèse en tous points remarquable, d’une grande habilité littéraire et d’une subtilité théologique impressionnante. Synthèse qui ouvre des chemins, découvre des portes, suscite des questions et met dans le coeur du lecteur le désir d’en connaître davantage ». THAYSE, André. *Marc: l’ Évangilerevisité*. Bruxelles: Racine, 1999. p. 9. De acordo com Jacques Hervieux, o Evangelho de Marcos corresponde a um “testemunho de fé”, à Boa-Nova da salvação da humanidade na figura original de Jesus de Nazaré, Messias e Filho de Deus. Cf. HERVIEUX, *L’Évangile*, p. 7.

<sup>9</sup>PESCH, Rudolf. *Il Vangelo di Marco: introduzione e commento ai capp. 1,1-8,26*. Brescia: Paideia, 1980. p. 54. (Trad. nossa)

<sup>10</sup>BULTMANN, Rudolf. *L’ histoire de la tradition synoptique: suivie du complément de 1971*. Paris: A. Malet, 1973. p. 452. (Trad. nossa)

<sup>11</sup> Segundo Hervieux, graça à brevidade e à simplicidade ímpar, Marcos parece ter escrito “à maneira” de um jornalista. Cf. HERVIEUX, *L’Évangile*, p. 7.

A novidade apresentada pela narrativa do evangelho de Marcos reside fundamentalmente na arte de narrar a vida de Jesus em sua complexidade e totalidade. Marcos narra a vida de Jesus com a simplicidade de um autor que escolheu os fatos imprescindíveis e marcantes: o seu ministério na Palestina, a viagem para Jerusalém, os milagres e as palavras de sua missão e, por fim, sua paixão, morte e ressurreição. Este esquema, facilmente reconhecido no evangelho marcano, pode ser sintetizado em três substantivos: vida, paixão-morte e ressurreição. Os substantivos paixão e morte podem ser entendidos como um só: o aniquilamento, o esvaziamento total de Jesus. Certamente, este esquema tríplice serviu de base para a catequese narrativa dos outros evangelhos, os sinóticos, – Mateus e Lucas– e, inclusive, iluminou João na elaboração do quarto evangelho.

Ao tratar do significado de memória na narrativa marcana, afirma Jean Delorme: “como tudo é feito de memória, o texto (Mc 14,3-9) refere-se ao passado”<sup>12</sup>. Esta afirmação pode ser aplicada ao evangelho marcano como um todo. O texto inteiro do evangelho de Marcos refere-se ao passado, à história de uma vida existente determinado tempo e lugar: trata-se da vida de Jesus e de toda a sua carga memorativa. Os que viveram com Jesus – os “com Jesus” – foram narrando suas experiências pessoais de inter-relação, daí estas múltiplas narrativas serviram de base para a composição da narrativa de Marcos, na compreensão da vida de Jesus, chegando à sua culminação, na paixão-morte e ressurreição.

Se o Evangelho não é mais que uma história antiga, então ele não nos interessa mais como que um livro de história ou de contos. O que nos conduz com todo o interesse ao Evangelho é que ele nos fala de nós hoje. Pois ele é testemunho de outros humanos como nós, que tentaram partilhar suas experiências do indizível, do divino, e que pode entrar em ressonância com nosso próprio caminho e torna-se uma atualidade desconcertante<sup>13</sup>.

Segundo J. Delorme, o texto do evangelho é, então, um “documento para o estudo da *anamnese* sinótica: tal *anamnese* situa-se na história passada na qual o historiador faz memória hoje”<sup>14</sup>. Assim, a gênese da narrativa marcana tem como expediente a memória de Jesus no caminho da fé cristã, no itinerário dos cristãos.

---

<sup>12</sup>DELORME, Jean. Parole : évangile et mémoire (Marc 14,3-9). In: MARGUERAT, Daniel; ZUMSTEIN, J. *La mémoire et le temps: mélanges offerts à Pierre Bonnard*. Genève: Labor et Fides, 1991. p. 113.(Trad. nossa)

<sup>13</sup>THIRAN-GUIBERT, Benoît; THIRAN-GUIBERT, Ariane. *Jésus non-violent : nouvelle lecture de l'Évangile de Marc*. Traverser nos peurs. v. 2. Namur: Fidélité, 2009. p. 11.

<sup>14</sup>DELORME, Parole, p. 114. (Trad. nossa)

Na obra de Marcos é possível reconhecer os fatos concretos que marcaram a vida de Jesus e dos discípulos<sup>15</sup>, suas testemunhas oculares. “O expectador é afetado e se emociona ao assistir a uma tragédia porque, na lógica do texto, ele encontra o inesperado, que faz parte da experiência vivida”<sup>16</sup>. Em outras palavras, a narrativa, na concepção ricoeuriana, representa os fatos e a lógica das ações humanas, e ainda produz o efeito da imitação das ações verdadeiras.

Após constatar a gênese do segundo evangelho, buscar-se-á compreender o fato da vida de Jesus ao longo da trama narrativa de Marcos, principalmente os treze primeiros capítulos.

## 2 TEMPO TRANSCORRIDO DO FATO E MEMÓRIA NO TEMPO

O tempo confere sentido à narrativa e a narrativa é ordenada no tempo. O tempo é elemento crucial e integrante de todas as coisas criadas<sup>17</sup>. Elas estão no tempo e são susceptíveis a ele; tudo se define e pode chegar ao seu fim com o tempo. Indubitavelmente, ele também se torna um enigma fundamental e, às vezes, inexplicável para o ser humano que vive sob sua implacável influência.

A corruptibilidade da natureza e a fragilidade da existência humana são sinais empíricos, tomados de realismo, de que o tempo é, de fato, implacável, pois tudo se passa nele:

[...] o ciclo de nascimento, crescimento e morte. O resultado foi que os homens, desde cedo, ao experienciarem a ação do tempo, foram levados a buscar explicações que dessem sentido a esta experiência sem que, todavia, o enigma do tempo fosse decifrado ou ficasse de todo resolvido”<sup>18</sup>.

<sup>15</sup> Apoiando-se na perspectiva de J. Roloff, J. Gnilka afirma que a temática dos discípulos é a corrente narrativa que emerge com maior clareza em Marcos. Surpreende que os juízos emitidos acerca dos discípulos sejam de natureza contraposta. Os discípulos são os primeiros aos quais Jesus se dirige pessoalmente, sobretudo nos relatos vocacionais. A doze deles convida para um seguimento especial, conferindo-lhes uma autoridade particular (3,13-19). Eles recebem o mistério do reino de Deus (4,10), são enviados por Jesus (6,7 ss) e compartilham com ele a mesa na última ceia (14,17ss). Cf. GNILKA, Joachim. *El Evangelio según San Marcos - Mc 1,1-8,26.5* ed. Salamanca: Sígueme, 2005. v. 1, p. 32.

<sup>16</sup>CARDOSO JÚNIOR, Hélio Rebelo. Paul Ricoeur e a narrativa histórica: limites no campo conceptual. *Revista Semina*. Londrina, n. 12, p.1.

<sup>17</sup> Para uma leitura e reflexão acerca do tempo, cf. DOMINGUES, Ivan. *O fio e a trama: reflexões sobre o tempo e a história*. Belo Horizonte: UFMG; Iluminuras, 1996. Do mesmo autor, há outra obra intitulada *Grau Zero do conhecimento*. São Paulo: Loyola, 1991, que trata sobre o tempo da história.

<sup>18</sup> DOMINGUES, *O fio*, p. 18.

O tempo vivido, contudo, apoia-se sobre a narrativa. A partir desta última constatação, percebe-se a relação entre tempo e memória<sup>19</sup>, isto é, entre experiência e consciência<sup>20</sup>. Toda experiência humana dá-se, portanto, no tempo. E o tempo é protagonista de todas as experiências humanas. Estas experiências se configuram em consciência para todos aqueles que as vivem na história que é narrada e contada, que se torna tempo.

J. Barros, apoiando-se sobre a obra de P. Ricoeur, *Tempo e Narrativa*, escreve:

O tempo torna-se “humano” precisamente quando é “organizado à maneira de uma narrativa”, e a narrativa extrai o seu sentido exatamente na possibilidade de “retratar os aspectos da experiência temporal”. A temporalidade e a narratividade reforçam-se reciprocamente<sup>21</sup>.

Esta afirmação ajuda, neste momento, a fortalecer a compreensão e a relação sobre o tempo e a memória que conduzem à trama narrativa. Este aparato teórico é, evidentemente, indispensável para a compreensão do elo que perpassa o relato bíblico, que constitui o desenrolar das vidas humanas, no tempo remoto, em torno de experiências fundantes, como é o caso da comunidade cristã no Novo Testamento, em torno de Jesus Cristo, de sua morte-ressurreição. Tais experiências fundantes se tornam narrativas e assinalam as marcas do tempo vivido. Esta tríade relacional *tempo*, *experiência* e *narrativa* constitui uma questão singular e admirável na obra historiográfica de P. Ricoeur, na década de 1980. Para P. Ricoeur, a consciência da narratividade é condição de possibilidade para o retorno ao vivido a partir da *anamnese*. Deste modo, na relação tempo, experiência e narrativa dá-se a possibilidade de retorno ao fato vivido, ao acontecimento que é lido, interpretado e re-experimentado, revivido.

---

<sup>19</sup> “Tudo na narração remonta ao tempo e ao fato memória”. Cf. DELORME, Jean. *Parole et récit évangéliques: études sur l'évangile de Marc*. Rassemblées et présentées par Jean-Yves Thériault. Montréal: Médiaspaul, 2006. p. 7-8. Tempo e memória ocorre, por exemplo, na fixação de um *princípio* ao relato. O sujeito que lê, consciente ou não, vê sua relação com o tempo e com a palavra. É possível entender quando ocorreu algo e com quem. Daí, os começos de relatos, notadamente quando se referem a uma história vivida, são os lugares privilegiados para a análise do relato ou da narrativa. Para a leitura semiótica, por sua vez, estes fatores – tempo e memória – servem em tudo para a análise da anunciação ou daquilo que é enunciado.

<sup>20</sup> Para uma melhor compreensão entre a relação experiência e consciência, recomenda-se consultar o texto de José D'Assunção Barros. Cf. BARROS, *Tempo*, p. 2.

<sup>21</sup> BARROS, José D'Assunção. Tempo e narrativa em Paul Ricoeur: considerações sobre o círculo hermenêutico. *Revista Fênix. Revista de História e estudos culturais*. Uberlândia, v. 9, ano 9, n. 01, jan./abr. 2012, p. 6. Cf. RICOEUR, Paul. *Temps et Récit*. Paris: Seuil: 1983, p. 61.

Neste sentido, o tempo e a narrativa em Marcos parecem aglutinar refinadamente experiência e memória, ou seja, tudo o que aconteceu com Jesus de Nazaré, o Filho de Deus. Tudo é narrado de forma clara e rápida em Marcos. A narrativa deste evangelho traduz a vida do homem Jesus, aquele que passou pela história de outros homens, na Palestina, no primeiro século da Era Cristã. A leitura do evangelhomarcano hoje possibilita reatualizar a história deste Jesus na história de tantos outros, mesmo depois de dois mil anos..

O tempo, naturalmente e na perspectiva de Marcos, transcorre de forma fluida. O narrador do evangelho não se prende à temporalidade como um historiador, que percebe também suas particularidades. Marcos é, ao contrário, um teólogo que compreende a vida de Jesus e com destreza relata o que recebeu da tradição a partir de fatos fundamentais: o batismo no Jordão; a particular importância de João Batista, parente e precursor do Nazareno; a identificação de Jesus com as pessoas que o admiravam e o seguiam, procurando a cura; as incongruências dos discípulos, chamados de *Doze* e que, muitas vezes, não compreendem o que Jesus fala.

Marcos revela aos leitores de sua obra multi facetadas nuances da vida de Jesus. Somente a leitura e a releitura são capazes de matizá-las. Para Marcos, Jesus é um homem que está em conflito com as autoridades judaicas e, ao mesmo tempo, desconhece a incompreensão dos discípulos. Ele fala em parábolas e, paulatinamente, vai desvelando seu propósito. O evangelho não perde tempo para dizer quem é Jesus. Marcos apresenta três anúncios (três capítulos subsequentes) de sua paixão, morte e ressurreição. Embora exista um segredo, tudo parece ser claramente revelado. O tempo culmina, enfim, com o relato da paixão, morte e ressurreição (o tempo gasto com o relato da Paixão é maior, pois ela interessa aos ouvintes de Marcos e, posteriormente, aos interlocutores de todos os tempos e lugares).

O tempo da ressurreição é entendido a partir do espanto e do medo, principalmente por parte daquelas mulheres (cf. Mc 15,40-41;16,1.7-8) que andavam com Jesus e que foram visitar seu túmulo na manhã do primeiro dia. Lá chegando, não o encontraram, mas a mensagem do anjo era objetiva: Jesus não estava mais junto dos mortos, pois ressuscitara e agora caminhava à frente dos seus, em direção na Galileia.

A temporalidade na narração evidencia o conteúdo mais importante, ou seja, a memória sobre Jesus, que perpassa toda a História. A *memória* consiste em fundamento



para o tempo. A memória dá sentido ao tempo vivido a fim de que se faça narrativa, tempo narrado. É, todavia, o tempo vivido que contribui para que a memória exista. Deste modo, uma realidade dá sentido à outra. Existe, por assim dizer, uma força comunicadora entre o tempo e a memória. Sem tempo não há memória, e sem memória não se relatam os fatos vividos no tempo.

O segundo capítulo deste trabalho dedicar-se-á ao elemento da *temporalidade* na narrativa, no relato propriamente dito de Mc 14,1-16,8. Neste sentido, trabalharemos a diferença entre *tempo narrado* (*l'histoire-racontée* ou “história”) e *tempo da narrativa* (*tempracontant*). O tempo, como elemento essencial da narrativa, está presente no relato da Paixão de Jesus, assim como em outros relatos a respeito deste importante personagem.

A característica comum da experiência humana, que é marcada, articulada, clarificada pelo ato de contar sob todas as formas, é sua característica temporal. Tudo o que se conta chega do tempo, é tomado do tempo, se desenrola temporalmente, e o que desenrola no tempo pode ser contado.<sup>22</sup>

Contudo, vale ressaltar a pertinente consideração de J. M. Adam e F. Revaz: “O tempo é um constituinte necessário, mas não suficiente para definir um texto (ou uma sequência) como um relato”<sup>23</sup>. Desta forma, a temporalidade da narrativa não corresponde à temporalidade real. A obra possui uma autonomia espaço-temporal, “ocupando uma região intemporal”<sup>24</sup>. O fluir do tempo interno na obra não depende dos marcos cronológicos exteriores, mas do pacto de elaboração estabelecido entre o autor e o texto, bem como do pacto de leitura, estabelecido entre o texto e o receptor (leitor)<sup>25</sup>.

Nas narrativas, em geral, é possível visualizar a realidade do tempo narrado. Primeiro, porque a *ação*, mesmo numa obra de ficção, decorre num espaço de tempo ou narra um período de tempo que, em algumas obras, pode não ter existido realmente. A ficção poderá contar algo sobre o tempo. Por outro lado, a capacidade de representar ações simultâneas, no relato, pode ser representada por diferentes ações no tempo (apesar de a capacidade do leitor percebê-las simultaneamente ser, até certo ponto, limitada). O mesmo não acontece na prosa não ficção. Nela, a temporalidade respeita a

---

<sup>22</sup>RICOEUR, Paul. *Du texte à l'action:essais d' herméneutique*. Paris: Seuil, 1986, p. 12.

<sup>23</sup>ADAM, Jean Michel; REVAZ, Françoise. *L'analyse des recits*. Paris: Seuil, 1996. p. 43.

<sup>24</sup> NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. São Paulo: Ática, 1995. p. 39.

<sup>25</sup> NUNES, *O tempo*, p. 44.

linearidade e apresenta um caráter de consecutividade, tanto para o ato de narrar, como para o processo da leitura. Isso significa que, na narrativa, os atos simultâneos ou sucessivos podem ser descritos, recebidos e recontados.

Deste modo, o elemento temporal está presente em toda espécie de narrativa. A realidade do tempo está marcada por várias indicações visíveis no relato. A finalidade de demarcar os fatos do passado cria no leitor a perspectiva hermenêutica do presente, da realidade vivida. Atribui-se à função do tempo, no texto, o mesmo sentido atribuído ao leitor em relação ao texto, isto é, o processo interpretativo: “A intenção de convencer está, de um modo ou de outro, presente em todo relato”<sup>26</sup>. Tudo leva a crer que o tempo no relato também desempenha a função de convencer, de argumentar, de dar sentido aos fatos do passado, no presente do relato, visando sempre ao futuro do leitor, àquele que o poderá interpretar.

Da realidade histórica passada, Marcos apreendeu a vida de Jesus: sua memória narrada e transmitida. Ele a ofereceu como relato para quem o quiser ler. Este é o mais interessante prodígio que o tempo possibilita a todo bom escritor: narrar, a partir da memória, a experiência mais profunda do que viveu ou daquilo que escutou com atenção. Se a memória é certamente o baú donde derivam os tesouros do passado, a narrativa é o relicário onde se demonstra que o que se vive é de especial valor, por isso não dever ser esquecido. Marcos constitui uma obra na qual se narra a vida de Jesus e que tem como clímax sua Paixão, evento que perpassa o tempo, atingindo-nos até os dias de hoje.

Após breve explanação sobre o signo do tempo, abordar-se-á o significado da memória para o evangelho de Marcos. A memória suscita a narrativa e esta pode ser entendida como “produto” daquela, ou seja, memórias possibilitam narrativas e narrativas são berços de memórias.

### 3 MEMÓRIA E NARRATIVA

Junto à abordagem sobre o *tempo*, a *narrativa* e a *experiência*, advém-nos ainda outras questões: como toda memória narrativa foi constituída no segundo evangelho? Há, de fato, clareza ou opacidade, resquício de sombra ou luz nesta narrativa? Evidentemente as respostas virão à medida que averiguarmos a complexidade do segundo evangelho em toda sua vastidão.

---

<sup>26</sup> JOUVE, *La lecture*, p. 12.

Vale ressaltar que há em Marcos uma clareza narrativa. Tal clareza é própria de alguém que, em poucas páginas, retratou com seriedade a vida de um homem complexo como Jesus de Nazaré. Complexo não significa incompreensível; ao contrário, a vida de Jesus é inteligível. Contudo, narrá-los exige de um escritor competência e esforço.

*Grosso modo*, toda narrativa é preme de memória. Não se produzem relatos sem vestígios de memória. Mesmo as ficções são permeadas de memórias que se entrecruzam, símbolos que se intercambiam e verdades que confluem na mesma direção, na cabeça do autor e no horizonte de sua narração. A memória não é, contudo, apenas um produto do tempo ou do passado, mas é expressão para o presente. É a clareza da memória, relatada no texto, que possibilita ao leitor, o visitante do relato, encontrar-se com toda a realidade por ele apresentada. A casa do leitor é como a leitura, e seus cômodos vão sendo descobertos pela evidência da memória, que clarifica os fatos já vividos e projeta-se como luz para o horizonte daquilo que imediatamente se pode viver.

Neste sentido, o primeiro a presentificar o passado é o narrador, no jogo de seus interesses. Ele adquire para sua narrativa os principais ingredientes e, misturando-os, produz o presente da memória, que é sempre algo do passado (vivido ou daquilo que se imagina), o ficcional. No jogo narrativo, seus personagens dialogam, falam e executam ações pertinentes no caminho memorial traçado pelo narrador. Em Marcos, os personagens, mesmo o protagonista Jesus, dizem, fazem ou ocultam o que corresponde ao interesse narrativo do narrador. Quer dizer, Marcos não produziu um “Jesus”, mas, a partir da sua memória, elaborou o que poderia ser o personagem Jesus, tentando chegar o mais próximo da realidade. Relatar um personagem, descrevê-lo como tal, ou ainda colocar em sua boca tudo o que ele disse ou fez é algo que se pode dizer impossível, mas tentar chegar o mais próximo de sua realidade é uma arte da qual poucos narradores são capazes. Toda narrativa constrói personagens, enquanto estes constroem a narrativa a partir daquilo que dizem (discursam) e, principalmente, pelo que fazem (realizam).

A clareza da narrativa decorre daquilo que se quer atingir: o *télos*. A memória marcana é evidentemente acentuada pela finalidade: “Quem é Jesus?”. Esta interrogação salta aos olhos do leitor implícito demandado por Marcos. O leitor real deve adequar-se a este lugar, revestindo-se dos trajes da narração, ou tomar seu assento para a leitura. Estes trajes – ou o lugar – são sempre determinados pelo autor implícito. O autor convida o leitor a configurar-se com aqueles que, no passado narrado, desejavam conhecer Jesus.

O autor cria um leitor implícito, aquele que melhor compreenderá sua narrativa. Equivale dizer que, para um autor implícito, sempre existirá um leitor também implícito. Esta questão será discutida no terceiro capítulo deste trabalho, quando desenvolvermos o perfil do leitor implícito de Marcos a partir do autor implícito da obra.

Neste sentido, Marcos revela-se preocupado com a refiguração: trazer para a atualidade a vida, paixão, morte e ressurreição de Jesus. No ato da leitura, o leitor é convidado a responder às questões mais importantes do evangelho. Neste sentido, uma delas refere-se à identidade de Jesus. Esta pungente questão pode ser encontrada em Mc 8,27 – (“Quem dizem os homens que sou eu?”). Parece ser uma questão generalizada. Afinal de contas, os discípulos dão a Jesus uma resposta aparentemente evasiva, tal qual o leitor a poderia dar. Contudo, no versículo seguinte, a questão reaparece, adquirindo um sentido mais íntimo, dirigida aos discípulos, na esperança de Jesus saber o que eles mesmos pensavam sobre ele: “Mas vós, quem dizeis que eu sou?”. A pergunta de Jesus se estende também ao leitor, e é o leitor hodierno que precisa dar-lhe uma resposta. A identidade de Jesus está presente nos dois versículos em questão (8,27.29).

Outras passagens evidenciam que a temática da identidade jesuânica é clara, embora possa ser lida sob o ponto de vista do “segredo messiânico”. Jesus deseja que seus interlocutores guardem segredo, no decorrer da narrativa, a respeito de sua verdadeira identidade, que será revelada plenamente na cruz. Os leitores descobrem, à medida que leem o evangelho, quem Jesus é de fato. Tal segredo é parte da perspicácia marcana e, embora seja sempre segredo, revela uma clareza narrativa. Já no início do texto, em Mc 1,28, o narrador diz que a fama de Jesus se espalhou por toda Galileia. Se isso não fosse importante, talvez Marcos não o tivesse sublinhado. A noção da identidade de Jesus é clara, no entanto, está entretecida a partir da perspectiva da opacidade de nome “segredo”.

A opacidade pode ser entendida tão somente como um ângulo sob a qual o texto se inspira para seguir. Todavia, a clareza é notória no evangelho marcano em toda sua construção e extensão. Principalmente pela razão de Marcos conduzir com ligeireza o leitor ao cume da narrativa, ao clímax como ele pretende. Um bom autor, um bom escritor, conduz pela mão seu leitor ao *maximum* de sua obra. Deste modo, pode-se dizer que Marcos não se perde nos detalhes, mas tenta alcançar o que tem mais importância. Tal intento possibilita ao leitor encontrar-se com Jesus, o Cristo e o Filho de Deus, que se revela plenamente na cruz (Mc 15,39), no ato de sua Paixão.

#### 4 NARRATIVA: UMA ARTE

A arte de narrar consiste em fazer boas escolhas. Diante do autor de qualquer obra há um motivo e várias escolhas para realizar. O que não faltam são possibilidades. Contudo, se escolhemos um caminho, abdicaremos do outro. E se se faz a escolha por um projeto, outros ficarão em segundo plano. É assim, também, para todo narrador: narrar bem – ou escrever bem – demanda escolhas.

Neste sentido, as escolhas fazem parte do projeto traçado pelo narrador. Suas escolhas estão quase sempre em evidência. O narrador já não está mais com seus leitores para justificá-las. Ele se distanciou, mas as escolhas ficaram bem definidas (ou não, dependendo de sua eficiência narrativa). A tarefa legada aos leitores de todos os tempos consiste em perceber as escolhas do autor-narrador.

A leitura atenta e madura evidenciará o horizonte de escolhas. A leitura consistirá na arte de decifrar as escolhas realizadas pelo autor, seja ele o autor real, a pessoa que com a pena escreveu sobre o papel, ou o autor implícito que está visível no interior da narrativa<sup>27</sup>. O narrador implícito está sempre em evidência; falando; negativamente, ele nunca é neutro na narrativa. Ele se permite ser visto e, ao mesmo tempo, é onisciente e onipotente: sabe e pode tudo. Algumas destas questões serão oportunamente explicitadas no capítulo terceiro desta pesquisa.

Toda narrativa se constitui pela ação de aderir a verdades ou fatos fundamentais. Trata-se de delimitar o conteúdo, a forma, o estilo. Todas as idiosincrasias do narrador sobressairão a partir de uma leitura atenta, possibilitando dizer: “Este autor é prolixo”, “aquele é conciso”. Estas são frases que continuamente ouvimos daqueles que leem com atenção. Não se trata de fazer juízo sobre o narrador ou sobre o autor de uma obra, mas apresentá-lo aos futuros leitores.

Desta maneira, a arte de escolher deve ser compreendida no horizonte daquele que se propõe a narrar. Trata-se de elaborar o projeto narrativo tendo em vista o objeto da narração, a forma e o estilo, a destinação e o que se pretende narrar.

Observando os detalhes supracitados, observamos que o evangelho de Marcos sabe ao certo e com precisão qual o objeto central de sua trama: a vida de Jesus, narrada de forma teológica, não histórica. A forma e o estilo convergem para o gênero literário

---

<sup>27</sup> Entende-se por autor real aquele que escreveu o texto, que elaborou a narrativa. O autor implícito é aquele que é desenhado pela narrativa, que se constrói por ela.

*evangélico*. Significa que Marcos anunciou a vida de Jesus como uma boa notícia, uma boa-nova, um acontecimento novo. Os destinatários são aqueles que almejam conhecer Jesus. Não se trata de investigar, neste ponto, os destinatários históricos do relato bíblico, mas perceber que há ouvintes-leitores que escutam e leem os fatos narrados segundo Marcos. O que Marcos pretendeu narrar está obviamente explícito em seu texto: a saber, a vida, missão, paixão, morte e ressurreição de Jesus, o Vivente.

#### 4.1 NO PRINCÍPIO, A NARRATIVA

A narrativa não precede o fato, daí, narrar consiste em reproduzir literariamente os fatos, fazendo sua memória. Narrar corresponde à arte de escolher as principais verdades e valores que emolduram e dão sentido e significado ao fato. Desta forma, não é qualquer fato que é digno de narrativa.

Na fábula, contudo, o fato histórico é dispensado; o formidável ou inusitado consiste no “jogo” de narrar<sup>28</sup>. Os agentes da fábula são outros, não os agentes reais; eles são fictícios, criados pelo narrador, podendo parecer que a fábula seja uma arte até mais difícil de ser produzida, pois ela não segue uma ordem historiográfica determinada. Na fábula, o procedimento do narrador é envolver o ouvinte-leitor na estória, aquilo que provavelmente nunca existiu, o que constitui narrativa. A fábula busca um desenlace moral que provém do jogo da ação e reação dos personagens, muitas vezes animais ou ainda seres humanos; toda esta trama é proposta sempre pelo narrador.

As narrativas, por sua vez, são factuais, históricas e vislumbram o real. Neste sentido, pela pena do narrador são constituídas belas narrativas, podendo ser traduzidas em sentido moral, para a vida dos leitores. Desta forma, o que se destaca, na análise narrativa, não é o conteúdo da narração, mas a arte em si e o que ela aborda como verdade, o fim que deseja atingir. Deste modo, o olhar do narrador do evangelho de Marcos voltou-se em direção ao acontecimento humano Jesus Cristo e tornou-se um verdadeiro testemunho para o cristão, para aquele que desejava conhecer

---

<sup>28</sup> Fábula, correspondendo ao latim *fabulare*, pode significar “o que é dito”, “falado” ou ainda “narrado”, tratando-se do jogo narrativo. Para compreender a fábula, recomenda-se ler Esopo, grego do século V a. C. Em Esopo, é possível perceber que a veracidade dos fatos, ou os fatos em si, não é o sentido final da fábula, sua intenção. Para a fábula, a moral (em sentido alegórico) é o que importa, principalmente para a formação de uma criança (*Paidéia*) ou, ainda, para o amadurecimento de um adulto.

Jesus. Marcos o apresenta narrativamente, acentuando os fatos indispensáveis de sua vida: seu batismo, sua missão, sua paixão-morte ignominiosa e sua ressurreição<sup>29</sup>.

Na narrativa, as realidades ganham notoriedade a partir do ato de contar. Os fatos são evidenciados quando assumidos pelo narrador, apresentados por ele e, assim dizendo, convertem-se em “verdades”, não factuais, mas morais, que tendem a um sentido e significação. Deste modo, não seria escandaloso dizer que no princípio de tudo estava o narrador com seu desejo de criar o mundo da narrativa, tal como o Criador o fez, segundo narra o livro do Gênesis.

#### 4.2 NARRAR É FAZER MEMÓRIA DOS ANTERIORES

A narrativa pode ser considerada o fruto do encontro com a história vivenciada, passada. Narrar consiste no encontro com os registros importantes e suficientemente vivos no interior do coração do narrador, com toda tradição recebida de *outrem*. As narrativas são também expressões da memória que sempre é *de vir* e ato de escrever, coincidindo com a arte de escolher. Ambas as realidades se fundem, dando sentido à palavra *narrativa*.

Narrar é, por assim dizer, rememorar os fatos e é também compreender seus significados. Visitar o passado é a condição de possibilidade para narrar no presente, visando ao futuro, que será projetado sempre como amanhã. De acordo com J. D. A. Barros,

quando contamos uma história sobre como “Judas traiu Jesus”, não estamos apenas relatando a sequência das ações humanas, mas também discutindo os seus significados. Podemos estender a narrativa e falar sobre as causas e consequências do ato de Judas, ampliar o tempo para além do vivido de cada um dos dois personagens envolvidos. Narrar é configurar ações humanas específicas, mas é também discorrer sobre significados, analisar situações. Inversamente, discorrer sobre significados e analisar é também uma forma de narrar, e é por isto que, tal como já foi ressaltado anteriormente, as modalidades historiográficas que se propõem a ser analíticas não conseguem escapar de serem também narrativas. Escolher elementos [...] é também narrar; e discorrer sistematicamente sobre a ‘exploração’ de um sujeito coletivo, a classe operária ou um grupo historicamente localizado de camponeses, é também uma narrativa que, de resto, já continha uma narrativa prévia no próprio verbo “explorar”<sup>30</sup>.

Portanto, narrar é a arte de recolher os verdadeiros *fios* da memória e reproduzi-los em um novo tecido, no tecido chamado papel, no qual a arte narrada será

<sup>29</sup> Segundo J. Gnilka, “[...] Marcos es el primero en reproducir la historia pasada de Jesús desde el bautismo por Juan hasta la resurrección”. Cf. GNILKA, *El Evangelio I*, p. 21.

<sup>30</sup> BARROS, *História*, p. 7.

observada pela leitura a partir do ato mesmo de interpretar. O sentido da narrativa se dá pela sucessão dos acontecimentos:

A trama tem a ver com os acontecimentos, como se ordenam, como se conectam e o que revelam. Os acontecimentos são ações ou sucessos que provocam mudança. Os acontecimentos são, por pressuposto, inseparáveis dos cenários e dos personagens: os cenários proporcionam as condições para os acontecimentos e os personagens são os agentes que causam e reacionam ante os acontecimentos<sup>31</sup>.

É, então, na arte de narrar os fatos que se observa a memória dos anteriores, daqueles que precederam os que estão no presente, os que marcaram a história com suas memórias. Narrar consiste na dinâmica contrária ao esquecimento. Narrar é não permitir que o esquecimento solape nossa capacidade de lembrar, de relembrar. Pois, como dizia o poeta, “relembrar é viver”, e, para a narrativa, “relembrar” é indispensável.

A memória dos anteriores é marca essencial de toda narrativa bíblica, e assim Marcos a faz, a partir do ato mesmo de contar a vida de Jesus. No Novo Testamento é possível perceber que os hagiógrafos falam, por vezes de modos distintos, sobre a mesma pessoa: Jesus. Teologicamente dizendo, há diversas cristologias. Trata-se de um acontecimento pessoal, por isso, toda narrativa sobre Jesus nos permite, como leitores, um encontro com sua pessoa, narrado e apresentado em nuances, por vezes, distintas. Indubitavelmente, o encontro e o reencontro com a narrativa bíblica de Marcos possibilitam ao leitor atual conhecer sempre mais de Jesus, descortinando os mais íntimos recintos de sua memória, de sua história e da práxis de sua Boa-Nova, com a qual ele próprio se identifica.

#### 4.3 NARRATIVA COMO “INTERCÂMBIO DE EXPERIÊNCIAS” SOBRE JESUS CRISTO

Apoiando-se no conceito de narrativa como “intercâmbio de experiências”, de W. Benjamin, nota-se também que a narrativa evangélica, proposta por Marcos, consiste em um intercâmbio sobre a vida e a pessoa de Jesus Cristo para o fiel cristão de hoje. Esta pode ser a questão fundamental para conclusão deste artigo: considerar a narrativa da Paixão de Jesus como intercâmbio de experiências entre os cristãos do I século da Era Cristã, e nós, os cristãos do século XXI.

---

<sup>31</sup>RHOADS, David; DEWEY, Joanna; MICHIE, Donald. *Marcos como relato: introducción a la narrativa de un evangelio*. Salamanca: Sígueme, 2002. p. 105 (Trad. Nossa).



A aproximação a Jesus pode ser garantida a partir da leitura atenta do evangelho, acompanhada da adesão interna e pessoal, das motivações intrínsecas no coração humano, bem como pela vivência da fé cristã, pela práxis do amor fraterno. O intercâmbio que a narrativa marcana propõe é, sobretudo, o de não esquecimento da pessoa de Jesus e de sua práxis libertadora, a libertação de todo marginalizado e, por conseguinte, da opção que Jesus fez em todo o evangelho – curando, exorcizando, anunciando o Reino; optando pela cruz até à morte, em Jerusalém, na esperança viva da ressurreição. Este é o intercâmbio proposto pelo segundo evangelho, no qual Marcos procura cambiar experiências profundas e autênticas sobre Jesus para os dias de hoje na busca de uma hermenêutica viva. Não basta apenas ler o evangelho e se motivar com sua beleza; é preciso, antes de tudo, que sua significação e suas ressonâncias perpassem o interno do leitor, daquele que busca conhecer Jesus em sua Palavra.

O intercâmbio de experiências pode ser aprofundado pelo ato da leitura. Conforme afirmam Rhoads, Dewey e Michie, inspirados na obra *Verité et methode*, de H. G. Gadamer:

Os leitores contemporâneos podem conceber a leitura como um diálogo, um significativo intercâmbio entre o relato e o leitor. Cada interlocutor tem poder sobre o que sucede no diálogo. Por um lado, um relato pretende influenciar os leitores – afetá-los para bem ou para mal, converter as pessoas e dar forma às comunidades. Por outro lado, um leitor tem também influência no diálogo. Um leitor pode levar o relato a sério e ser transformado por ele ou mostrar-se indiferente e inclusive desprezá-lo por considerá-lo irrelevante. Um leitor pode aderir ao relato ou ser reticente ou apresentar fortes objeções a alguma de suas partes ou à totalidade. Um leitor pode inclusive incrementar o afeto do relato usando-o de forma que ajude ou prejudique outros. O relato busca influenciar o leitor; o leitor, em resposta, deve julgar eticamente o relato segundo seus valores pessoais ou seus critérios de juízo<sup>32</sup>.

## CONCLUSÃO

Em sentido conclusivo, amparando-se em W. Benjamin, podemos perceber que o intercâmbio de experiências é o que garante a sobrevivência da tradição e da narração a fim de que não se extingam na esteira do tempo. As narrativas intercambiadas garantem às gerações a raiz com o passado, a cultura, a tradição, os bons exemplos e as histórias edificantes. Uma geração que não narra suas histórias fundamentais à geração seguinte corre o risco de perder a identidade. Narrar é garantir que os fatos do passado não sairão dos trilhos da história presente com destino ao futuro.

---

<sup>32</sup> RHOADS; DEWEY; MICHIE. *Marcos*, p. 203. (Trad. nossa)

Por fim, os cristãos, ao se depararem com a memória narrativa de Jesus, sabem o que ele significa para a história. Este intercâmbio estabelecido entre o narrador bíblico de Jesus e o leitor bíblico de hoje garante que a memória sobre Jesus catequize também cristãos no presente e no porvir. O ato de contar a vida de Jesus, na perspectiva narrativa, na leitura atenta do evangelho, é condição de possibilidade para que outros o conheçam e se encontrem pessoalmente com ele, não perdendo, por fim, o contato com sua mensagem, a Boa-Nova do Reino de Deus. Conhecer Jesus e escutá-lo é deixar-se ser afetado, maravilhado por ele, por sua Palavra sempre exigente e, ao mesmo tempo, transformadora. Neste sentido, o evangelho de Marcos nos mostra, do começo ao fim, quem é Jesus, o Filho de Deus.

## REFERÊNCIAS

- ADAM, Jean Michel; REVAZ, Françoise. *L'analysedesrecits*. Paris: Seuil, 1996.
- BARROS, José D' Assunção. Tempo e narrativa em Paul Ricoeur: considerações sobre o círculo hermenêutico. *Revista Fênix. Revista de História e estudos culturais*. Uberlândia, v. 9, ano 9, n. 01, jan./abr. 2012, p. 6.
- BULTMANN, Rudolf. *L' histoire de la tradition synoptique:suivie du complément de 1971*. Paris: A. Malet, 1973.
- CARDOSO JÚNIOR, Hélio Rebello. Paul Ricoeur e a narrativa histórica: limites no campo conceptual. *Revista Semina*. Londrina, n. 12, p. 124-126, 1991.
- DELORME, Jean. *Parole et récit évangéliques: études sur l'évangile de Marc*. Rassemblées et présentées par Jean-Yves Thériault. Montréal: Médiaspaul, 2006.
- DELORME, Jean. Parole : évangile et mémoire (Marc 14,3-9). In: MARGUERAT, Daniel; ZUMSTEIN, J. *La mémoire et letemps: mélangesofferts à Pierre Bonnard*. Genève: Labor et Fides, 1991.
- DOMINGUES, Ivan. *O fio e a trama: reflexões sobre o tempo e a história*. Belo Horizonte: UFMG; Iluminuras, 1996.
- FOCANT, Camille. *L'Évangile selon Marc*. Paris: Cerf, 2004.
- GNILKA, Joachim. *El Evangelio según San Marcos - Mc 1,1-8,26.5 ed*. Salamanca: Sígueme, 2005. v. 1.
- HALE, Broadus David. *Introdução ao estudo do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1983.
- HERVIEUX, Jacques. *L'Évangile de Marc: commentaire pastoral*. Paris: Bayard, 1991.
- NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. São Paulo: Ática, 1995.
- PESCH, Rudolf. *Il Vangelo di Marco: introduzione e commento ai capp. 1,1-8,26*. Brescia: Paideia, 1980.
- RHOADS, David; DEWEY, Joanna; MICHIE, Donald. *Marcos como relato: introducción a la narrativa de un evangelio*. Salamanca: Sígueme, 2002. p. 105 (Trad. Nossa).
- RICOEUR, Paul. *Du texte à l'action:essais d' herméneutique*. Paris: Seuil, 1986.

RICOEUR, Paul. *Temps et Récit*. Paris: Seuil: 1983.

THAYSE, André. *Marc: l'Évangilerevisité*. Bruxelles: Racine, 1999.

THIRAN-GUIBERT, Benoît; THIRAN-GUIBERT, Ariane. *Jésus non-violent : nouvelle lecture de l'Évangile de Marc*. Traverser nos peurs. v. 2. Namur: Fidélité, 2009.

(Recebido em novembro de 2017; aceito em dezembro de 2016)